

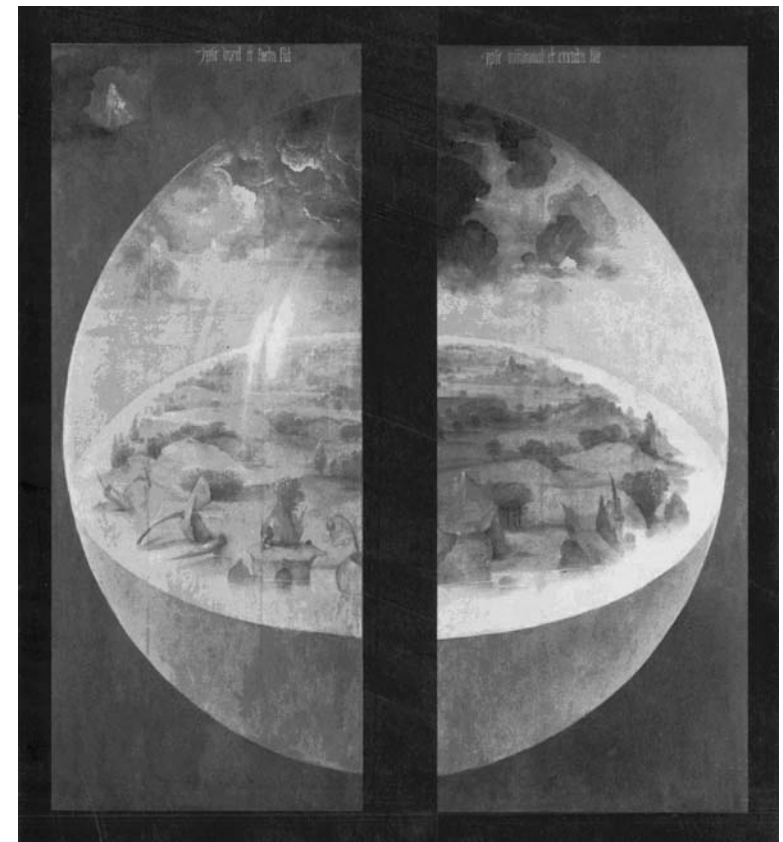
António Braz de Oliveira

Nasceu em Sesimbra, em 1951, e é licenciado em Direito pela Universidade de Lisboa. Assessor principal da Biblioteca Nacional, onde ingressou em 1973, foi o responsável pela criação da Área de Espólios da BN, em 1981, e nessa qualidade acompanhou a aquisição de mais de uma centena de acervos literários hoje integrados no Arquivo de Cultura Portuguesa Contemporânea. Professor da cadeira de «Documentação e Investigação» da Universidade Católica em 1996 e 1997, foi, também, Chefe da Divisão de Serviços de Investigação (1987-1992), da Divisão de Reservados (1997-2000), Director de Serviços de Extensão Cultural e Científica (2001-2007) da BNP, Director da *Revista da Biblioteca Nacional* e membro do Comité Científico Internacional da Colecção “Archives” da ALLCA XXe. Siècle. É autor de diversos estudos dedicados, nomeadamente, à arquivística literária, de que podem destacar-se: «Camilo Pessanha: um espólio por (ha)ver» (1984); «O Espólio Pessoa na Biblioteca Nacional (Lisboa)» (1988); «Notes en souvenir du SCRIPTORIUM de Pessoa» (1991); «O manuscrito subjacente ao impresso: séculos XIX e XX» (1992); «Arquivística Literária, *haec subtilis ars invenienti*» (1992); «São Cristóvão, sonho e sentido da Geração de Setenta» (1995); *Contributo para um Levantamento Nacional de Espólios Literários*, Coordenação (1999), «Arquivística Literária em perspectiva» (2000) e «a “escrita” do ACPC: recortes de memória recente» (2007).

CONFERÊNCIA

De Zero a Nove As bibliotecas e os saberes

António Braz de Oliveira



16 de Maio de 2008, Sexta-feira, 11,00 Horas
Auditório Nobre da Universidade Moderna de Setúbal

Depois de Borges e Eco, nada ficou igual na história das bibliotecas e arquivos. Intriga real ou ficcionada, linear ou labiríntica como a própria coisa, tal crónica tropeça a cada passo com o silêncio que dos livros fazem os próprios livros, silêncio que só certa apologética e certa retórica – muito para além da «marginália» – conseguem preencher. Historicamente, as bibliotecas foram, no mundo da cultura europeia ocidental, um pouco de tudo e de nada simultaneamente. Chancelarias, centros de poder, sarcófagos de saber, arcas de tesouros, oficinas da história e de estórias. Escribas, cenobitas, purpura-dos, astrónomos e alquimistas, apologetas e freiráticos, condes, duques, príncipes e reis fizeram-nas e desfizeram-nas ao longo dos séculos, convertendo miríades de sinais, decifrados e por decifrar, no que veio a ser boa parte do quotidiano e do imaginário do homem letrado de hoje.

Caixas, caixões, armários, cubículos, estantes, livrarias, casas de estudo ou instituições de cultura, as bibliotecas são colecções de escritos prontos a serem lidos por gente letrada. É esse o sentido de todos os *sripta* e de toda a *lectio* e, a não ser assim, passariam os livros e as bibliotecas por ser, tão só, estaleiros de sinais abandonados e sem sentido. Para as reconhecermos ao longo da sua história, decorridos que são mais de cinco milénios, é sempre útil ter à mão

que/quem nos ensine a situá-las nos diferentes contextos culturais e civilizacionais em que aconteceram. Daí a valia do recurso prudente e atento aos estudos que nos podem auxiliar sobre os diferentes sentidos e usos das palavras e das coisas. Da pedra e do tijolo à *Λεύκωμα* (tabuínha), do papiro ao pergaminho (séc. II a.C.) e ao papel, do cálamo ao teclado, passando pelo *liber*, o *uolumen* com a sua *capsa*, o *libellus*, o *caudex* > *codex*, o *exemplar*, a *charta*, o *foro*, a *inquirição*, o *capítulo*, a *pecia*, o *cancioneiro*, o *alvará*... até ao SMS dos nossos dias, tudo rodou em torno da pré-ocupação fundacional da linguagem, da sua transmissão e organização, seguida de perto pelo valor atribuído à memória *de* ou à *guarda da memória* do que se foi entendendo digno dela. Muitos pensadores e escritores deixaram testemunho dos seus confrontos com a escrita, suas virtudes e incertezas. É célebre, e foi bastas vezes comentado, o diálogo platónico em que o autor de *Fedro* ficciona a divina «inspiração» da arte de escrever e adverte os seus leitores (!) sobre a vacuidade de certa logografia, ou mesmo sobre os perigos do desuso da memória repousada sobre a fugaz perenidade dos sinais escritos. E foi por aí que o «espectador» Ortega e Gasset terminou as suas lições aos bibliotecários (1935), decorridos vinte e três séculos.